



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario N. 11, Vol. 2 (2017)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy
Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

CARTOGRAFIAS DAS PAIXÕES ESCOLARES: EM BUSCA DO EROS PERDIDO

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti¹

Resumen

Para este artículo se investigan los conceptos de Eros y contraeducación, desarrollados por el profesor Paolo Mottana, de la Universidad de Milán-Bicocca / Italia y sus contribuciones al campo de la educación. La búsqueda se da a través del problema de cómo la figura de Eros y el concepto de contraeducación pueden operar junto con el concepto de aprendizaje inventivo, y así potenciar las cuestiones que se refieren al aprender con pasión en alumnos del sistema escolar. Aprendizaje inventivo que es un concepto desarrollado por la profesora Virgínia Kastrup de la Universidad Federal de Río

¹ É graduada em Pedagogia – Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tem Mestrado em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e atualmente realiza o doutorado em Educação nesta mesma, orientação do Prof. Dr. Silvio Gallo e bolsista FAPESP. Suas pesquisas versam pela temática da aprendizagem inventiva, cartografias inventivas e buscas por outras potências em educar. Email: batupre@gmail.com

de Janeiro / Brasil. Al conectar estos conceptos es posible pensar una educación que pulse a un aprendizaje por las pasiones? Esta es nuestra búsqueda para intentar realizar una cartografía de las pasiones escolares y así recuperar y reafirmar con potencia pedagógica la figura de Eros en el campo educativo.

Palabras clave: aprendizaje inventivo, cartografías, contraeducación, escuela, Eros.

Abstract

This article investigates the concepts of Eros and countereducation, developed by Professor Paolo Mottana of the University of Milan-Bicocca / Italy and his contributions to the field of education. The search is through the problem of how the figure of Eros and the concept of countereducation can operate along with the concept of inventive learning, and thus enhance the issues that relate to learning with passion in students of the school system. Inventive learning that is a concept developed by Professor Virginia Kastrup of the University Federal of Rio de Janeiro / Brazil. Connecting these concepts is it possible to think of an education that pulsates to a learning by the passions? This is our search to try to carry out a cartography of the school passions and thus to recover and reaffirm with pedagogical power the figure of Eros in the educational field.

Key words: cartography, countereducation, Eros, inventive learning, school.

Eros e contraeducação

Eros, figura mítica e personagem conceitual desenvolvido pelo professor pesquisador Paolo Mottana da Universidade de Milão/Bicocca, juntamente com seu conceito de *contraeducação*, são as principais fontes de investigação para alicerçar este estudo e juntos pensar o campo da educação através de um resgate e incorporação de Eros como personagem conceitual capaz de interpelar o contexto escolar com seu potencial apaixonante.

São esses dois operantes (Eros e *contraeducação*) que nos dão impulso às investigações de novas problemáticas para o campo educacional, uma vez

que a aposta é cartografar os conceitos de Mottana para que se possam abrir novas perspectivas no acompanhamento das paixões escolares dos estudantes. Para isso propõe-se, portanto, seguir o desejo estudantil por querer aprender outras perspectivas que não somente as ofertadas pelo ensino escolar formal, ou seja, que outras paixões seguem os alunos enquanto submetidos aos ensinamentos escolares.

Para início dos estudos nos aproximamos de duas leituras de Mottana, “*Piccolo manuale di controeducazione*”² (2011) e o artigo “Eros e contraeducação: fuguras do (im)possível”³ (2015). Posteriormente é previsto um doutoramento modalidade *sanduíche* junto ao próprio professor Mottana na Universidade de Milão/Bicocca a fim de trazer novas ferramentas ao campo educacional em relação aos conceitos que aqui ainda são desconhecidos, ou que, se são conhecidos, estão em pouco funcionamento em nosso cenário atual de ensino escolar.

Como aponta Mottana em seu artigo (2015), o Eros, como arquétipo do desejo, da afirmação vital, da paixão e do prazer está em conflito radical com o paradigma que domina a instrução e que cultua o cruzamento estreito entre a razão, o controle e a ascese. Moralista por natureza, a pedagogia tem construído um olhar oblíquo e desprezante para qualquer indulgência ao traidor Eros, a seu transmutável desejo de vida, e sua imprevisível, ameaçadora afeição ao corpo e aos seus instintos luxuriosos. Reabilitar o Eros significa, portanto, inevitavelmente fazer *contraeducação*, forçando nossos sentidos a restituir honra e cuidado do corpo, imaginação e desejo e não pensar somente em uma pedagogia que ainda fundamentalmente adota uma hierarquia que coloca no vértice o cognitivo, o abstrato e o útil.

A pedagogia parece sempre ter fé ao seu imaginário mais severo, das doutrinas, dos castigos, dos julgamentos que a é inerente. Já uma pedagogia libertária permanece sempre *extramuros*, como prática desviante e excêntrica. E, todavia, é a essa e as suas ramificações complexas que pode, ao contrário, olhar uma antipedagogia contemporânea, da qual se alerta sempre mais, a meu juízo, a necessidade, em um contexto que não se prende na sua intensão mais

² Ainda não traduzido para o português.

³ <http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/224/280>

infeliz: o sequestro sistemático da vida e a sua afirmação a grande maquinação do progresso. (Mottana, 2015: s/n).

Contraeducação, termo que Mottana (2011) adotou para indicar cada prática formativa inspirada em Eros, significa antes de tudo afirmação sempre e de qualquer modo tudo que é vital em contraste com tudo que é mortífero. As instituições formativas, ao longo dos anos, não deram enfoque em estimular a presença de Eros, isto é, à paixão, à vida. As instituições não simpatizaram com o componente estético do agir e do saber. São, quando muito, submetidas a uma originária orientação ascética no emprego de instrumentos e de normas coercitivas, ao julgamento de tudo aquilo que podia aparecer instintual ou direcionado ao prazer.

O autor aponta que um primeiro princípio, para pensar em uma conversão na direção de uma educação erótica é a plenitude vital de um aqui e agora, e não de um lá, num futuro distante, de um amanhã nebuloso que pode nem mesmo existir. O tempo que transcorre em qualquer contexto educativo deve ser denso, intenso e significativo no agora, não um tempo de opressão ou de renúncia em favor de um amanhã do qual nada é dado a saber.

A ética do sacrifício, do esgotamento, do sofrimento que adere como um parasita a grande parte da cultura educativa que até agora tem dominado a cena nas instituições formativas, deve ceder à vez a convenção fundamental e não iludível que a experiência de aprender deve sempre ser vivida apaixonadamente. Esta é entre outras a condição para que a aprendizagem seja consolidada e interiorizada. As aprendizagens adquiridas na condição de suplício não poderão ser verdadeiramente incorporadas. A *contraeducação* é, portanto, uma tentativa de colocar o processo educativo em contato com a vida, reinvocando a manifestar-se em corpos vivos e desejantes, criadores e afirmativos.

Ainda continua afirmando no seu artigo, que Eros, como é conhecido, é uma dimensão da experiência não traduzível na hipócrita “pedagogia do sorriso” (digno confronto sempre inerente às práticas inspiradas para forçar a posição de suplício e de submissão): ao contrário é uma dimensão complexa, rica de infinitas nuances, do sublime ao abismo, do temível ao fascinante e ao

maravilhoso. O Eros é tudo aquilo que completa a ação de qualidade sensível e sensual, de desejo e de medo, de sedução e de conflito, de beleza e de guerra. Como no amor entre pessoas, o Eros na educação é fundamentalmente enaltecido da temperatura da experiência até o calor brando, em virtude de uma implicação plena em tudo o que se faz desde que seja efetivamente carregado de desejo, de mistério e de surpresa, de interesse e de sedução.

Para o autor, Eros na educação é libertar o instinto vital, gosto, odor e tato (não só visão e audição), exercitados e solicitados continuamente. É experiência das relações, na qual não é só presa em torno do isolamento da subjetividade da cognição, mas, conversação, compartilhar em volta da comida, da escuta musical, a visão de teatros, a construção e a cultivação das mais diversas habilidades reais (jardinagem, horticultura, marcenaria, metalurgia, ourivesaria, designer e outras, e mais.).

Uma cultura da imensidão que acolhe no íntimo e no mínimo, mas, também, na exuberância, do emergir no atravessamento do infinito que é o mundo das coisas, dos objetos, da cultura. Em uma visão do mundo deserarquizada das escalas obsoletas de valor que distingue alto e baixo, grande e pequeno segundo critérios idealizados e que mortificam a matéria, quando deveria ser continuamente estimulada a partir das características sensíveis, estéticas, participativas.

A escola, entre outros contextos da educação, mas quase como um emblema desses, pode voltar a ser um lugar do livre e surpreendente encontro entre paixão recíproca e compartilhada, pode ser o espaço da exploração, da aventura e do jogo, da expressão e da descoberta, em um pacto que a cultura seja radicalmente elevada. Aquilo que, agora está em alta, possa um dia descer e vice-versa. Que o valor do envolvimento se torne primário, que a mente seja cheia de corpo e que a atividade seja marcada pelo princípio da emoção, da expansão vital e da “dilatação da experiência” (para dizer com Piero Bertolini⁴).

⁴ Pedagogo italiano (1931-2006) autor de diversas obras sobre fenomenologia e educação.

Mottana clama para não deixarmos de usar este termo maravilhoso, Eros, nem de honrar o seu arquétipo alado e imprevisível, substituindo com expressões mais acomodadas e eufemísticas como afetividade, sentimento ou emoções para agradar aos outros de um consenso como outros, moralista e castigado. É de Eros que temos necessidade, Eros incomparável e incontidamente variável das suas manifestações. Eros é a utopia, no sentido que não deixaremos nunca de afirmar, e tudo aquilo que é possível que se rejeita de querer experimentar por preguiça ou por comprometimento, ou talvez daquele impossível que, porém, permite dobrar o real em direção a sua ulterioridade inexpressível, em direção às frequências infravermelhas e ultravioletas que podem amadurecer a incandescência e integridade de vida nunca verdadeiramente vivida.

E continua endossando que movimentar-se nos sulcos da *contraeducação* quer dizer, sobretudo encorajar ainda quem não perdeu a esperança na utopia pedagógica, ou na utopia *tout court*. Utopia entendida não como lugar do impossível e do irrealizável, mas como um lugar que designa e individua as tramas do desejo educativo, que saiba deduzir as formas imediatas de uma possível tradução em ser, na necessidade de experimentar continuamente as partes e superar como ingredientes elimináveis do possível e do vivo.

A *contraeducação*, herdeira dessa antipedagogia libertária e desejante, se quer fazer intérprete desta necessidade e desta nostalgia, incurável dos novos pragmatismos, dos novos desencantos, do novo cinismo, e sobretudo no velho pensamento pedagógico reacionário e moralista, aquele, no final das contas, que continua a modelar sorrteiramente nossos destinos, e ao qual não é inútil atribuir as responsabilidades das falências de uma educação que talvez, as vezes, destila qualquer mente eleita, mas quase nunca pessoas íntegras; corpos e mentes harmônicos não dispostos a tirar o direito de viver plenamente seus tempos e suas histórias.

Fazer uma *contraeducação* como tentativa de pensar, escrever e sentir de outro modo. Inventar outras alternativas não monótonas para tentar modificar o cenário da educação escolar e que inclui os docentes. Abrir

possibilidades didáticas para invenção como, por exemplo, reinventar as ferramentas que já possuímos: subverte-las, transmuta-las. *Contraeducação* como inversão da tendência nefasta ao eufemismo, à sujeição cultural, a subsidiariedade de um pensamento ínfimo e marginal. *Contraeducação* contra a colonização da psicologia e de todos os seus aparatos, autodenominado científico.

Nesse pequeno resumo do pensamento de Mottana acerca da potência de Eros e do conceito de *contraeducação* problematizados e colocados em funcionamento no campo pedagógico, vimos que estamos longe de alcançar essa utopia proposta por ele, mas que não é impossível percorrê-la. Para que nossos destinos sejam traçados de outra maneira é preciso entrar em movimento, inserir novos conceitos no campo educacional, mexer com escudos e barreiras postas há séculos e fazer funcionar conceitos que estão enferrujados, mas que ainda seja possível existir em outros campos que não fujam da nossa realidade. Apesar de ainda não sabemos pôr em funcionamento devemos insistir em exercitar essa existência de um devir erótico nos campos cinzentos das instituições escolares para que dias coloridos e perfumados possam transfigurar o cenário educacional.

A aprendizagem inventiva

Um dos conceitos que conhecemos e que tentamos pôr em funcionamento no contexto escolar como uma forma de inserir novas práticas de ação é o conceito de *aprendizagem inventiva*, desenvolvido e trabalhado pela professora Virgínia Kastrup da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este é um, dentre as infinitas possibilidades existentes de conceitos que podem movimentar o espaço escolar que parece, há muitos anos, enferrujado. São essas alternativas, ou seja, novos conceitos, que trazemos para que se possa pensar, problematizar e agir juntamente com um ensino e aprendizagens que se querem diferentes do que os apresentados no cenário atual das escolas.

O conceito de *aprendizagem inventiva* é um termo desenvolvido pela professora e pesquisadora Virgínia Kastrup⁵ (2007) e tem como ponto de

⁵ Professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e fundadora do NUCC – Núcleo de Pesquisa Cognição & Coletivos da UFRJ.

partida suas pesquisas sobre a cognição. A autora pensa a cognição como uma potência que vai além da mera aquisição do conhecimento. Existe um devir criativo da cognição que é abafado por toda uma lógica de pensamento dogmático e conseqüentemente pela lógica do ensino escolar obrigatório. Assim, a pesquisa da autora mostra justamente o contrário disso, apresenta a cognição como um puro movimento intensivo, que realiza infinitas conexões no pensamento, isto é, inventa constantemente no pensamento aprenderes.

E é assim que nasce o conceito de *aprendizagem inventiva*, ele brota dessas infinitas alianças possíveis realizadas no pensamento, uma vez que a *aprendizagem inventiva* consiste num movimento de problematização das formas cognitivas constituídas, é a *aprendizagem inventiva* que abre o leque para as múltiplas entradas do que se pode pensar, pois a aprendizagem é uma força plástica. Portanto, se pensa em um exercício para subverter a cognição e retirá-la desse campo que está alocada ao lado da representação, do instituído e criar rachaduras por entre, a fim de inventar outras formas de expressão para o pensamento.

Entendida como invenção, a cognição deve ser definida por sua abertura para o novo, para o inesperado, para o inantecipável. Em termos bergsonianos, reiteramos que ela deve ser tratada como capacidade de colocar problemas, e não só de solucionar problemas já dados. (Kastrup, 2007: 62).

É justo o caráter de abertura, ou também, rachaduras, de um processo de conhecimento que faz a cognição ter este aspecto de inventividade. As rachaduras na continuidade de um padrão dão essa potência à inovação, pois estão sempre em estado ativo a estabelecer conexões com novos encontros. Por isso uma aprendizagem nunca tem fim, ela é um enlace que se estabelece com a invenção e nunca se esgota. Sempre haverá novos métodos para se desvendar a mesma coisa, novas maneiras de se chegar a dizer a mesma coisa, e nesse movimento de repetições, uma diferença surge para contrastar em meio a tanta recognição no pensamento.

O processo de aprendizagem permanente pode, então, igualmente, ser dito de desaprendizagem permanente. Em sentido último, aprender é experimentar incessantemente, é fugir ao controle da representação. É também, nesse mesmo sentido, impedir que a

aprendizagem forme hábitos cristalizados. (Kastrup, 2007:174).

Uma desaprendizagem que é um exercício para ser acompanhado por uma vida toda. Aprender a desaprender. Desaprender das camadas que compõe texturas enrijecidas e abandoná-las. Aprender se abrir para novas camadas. Novas texturas que amanhã também poderão ser abandonadas. Um processo sem pré-conceitos, um aprender aprendente de novas potencialidades do si, de novas rachaduras a serem descobertas. Uma aprendizagem que se permita não se curvar aos hábitos que cristalizam vidas e imobilizam corpos, uma aprendizagem da desaprendizagem que varia e cria outros movimentos para resistir e existir.

Uma conexão erótica

É com esse arcabouço de pensamento que realizamos as cartografias daquilo que se pensa em sala de aula quando o pensamento se torna nômade e vaga por essas infinitas alianças possíveis, eis aí uma brecha possível para um aprender inventivo, onde o ensino se torna somente um aliado para fazer o pensamento variar e encontrar suas paixões interessantes.

É com a potência da cartografia que se extrai dos conceitos os encontros necessários para por em funcionamento um organismo vivo e interessante. A cartografia não visa estagnar uma análise e sim acompanhar um processo, no caso, um processo educativo que segue o percurso de uma busca. Resgatar uma figura perdida no tempo e espaço acoplados a outros conceitos torna-la ativa e operante novamente no campo educativo. Crer que para educar basta de clamar antigas técnicas antiquadas e que não funcionam.

Precisamos renovar o ar do contexto escolar. Precisamos trazer novos conceitos que funcionem para pensar em novas abordagens metodológicas para intervir nas salas de aula. Novos projetos políticos pedagógicos que aderem as paixões e desejos dos estudantes e não somente um medíocre ensino para todos. Precisamos resgatar o Eros perdido.

E desse modo, este é o elo que liga as *aprendizagens inventivas* a nossa busca pelo Eros perdido, bem como o conceito de *contraeducação*, uma vez que é nesse momento de escape que os estudantes exercem em seus

pensamentos a potência máxima de criar uma *contraeducação*, invertendo a cognição imposta pela instituição e inventando outras possibilidades de aprenderes. Acreditamos que resgatar o Eros perdido seja se aliar a uma potência inventiva no pensamento dos estudantes assassinada pela dominação de um único modo de pensar.

Eros é nosso elo perdido que trará novos tons para pensar em novas ações ao campo educacional, principalmente sobre aquilo que diz respeito ao que se é ensinado a um estudante. É desse ensino massificador que estamos cansados. É desse ensino sem paixão que devemos ficar atentos para retomar essa figura de Eros como um personagem conceitual vivo e operante na educação. É de paixão que temos vontade. É de outras formas de expressão que precisamos para novas entradas na educação, e Eros entra como essa figura para dar um impulso a novas maneiras de pensar e agir em relação às questões pedagógicas.

Em um vídeo disponível na web⁶ Paolo Mottana apresenta um breve relato sobre suas pesquisas de *contraeducação* e expõe que se quisermos seguir por uma educação que se guie para direção das paixões vitais, que, se quisermos construir uma situação deste tipo devemos começar a pensar todos os ingredientes que possam intervir num processo. Um dos ingredientes que não pode faltar é o cuidado de como se inaugura uma cena formativa, mas também, o cuidado com um processo em curso, com um processo em grupo, ou mesmo com um processo isolado. Todo o processo é complexo e deve seguir com uma série de perguntas e problematizações. Pois existe um momento que se deve realizar um *printing* da situação formativa e este *printing* deve conter uma explosão de elementos evocativos daquilo que se procura para explorar.

E continua, um gesto, uma cena comunicativa, o modo como é organizado o espaço, o modo pelo qual é distribuído o tempo naquele primeiro momento é extremamente simbólico, o significado simbólico é seguramente o que será valorizado e atentamente preparado. É nisso que ele acredita que possa consistir um início a pensar uma educação voltada a *contraeducação*.

⁶ <https://www.facebook.com/pmottana/?pnref=story>

Que procure aberturas nessas situações formativas, onde existam espaços que o desejo seja o imperador da ordem estabelecida pelos corpos presentes.

E continua afirmando que é preciso procurar fazer da situação educativa uma coisa verdadeiramente vital. Fazer um movimento inverso do disciplinamento, do controle, da autoridade, quando muitas vezes se podem criar situações em que o desejo, o prazer, a intensidade, as cores, a beleza são os protagonistas, e que nós podemos aprender com estas entradas e quem comanda estes conceitos é Eros é ele que trabalha por trás disso tudo, distribuindo o modo, espaço e o tempo de como se fazer, os gestos que se podem produzir.

Não existem interpretações psicológicas, e nenhuma tentação está posta aos terapeutas. Trabalha-se com espaços concretos para criar situações que favorecem o início de algum percurso formativo, à atenção daqueles ingredientes fundamentais para uma educação que é verdadeiramente educativa, pois no mundo há um outro modo de se fazer a educação e aqui estamos falando que o protagonista é o desejo, o prazer, a paixão.

Eis a nossa conexão erótica, uma atenção que deve ser dada a esses escapes sem importância à lógica de um sistema castrador, mas que para um pensamento em potencial possa vir a desencadear grandes invenções. Invenções eróticas, desejadas, gozadas. Eis a *contraeducação* em um pensamento inventivo, um pensamento que cria suas conexões mesmo submetido num fluxo de repressão, cria suas linhas de fuga, suas linhas de desejo, enfim, ativa seu Eros morto pela escola.

Referências

KASTRUP, V. (2007) A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Autêntica. São Paulo.

MOTTANA, P. (2011) Piccolo manuale di controeducazione. Mimesis. Milano.

_____. (2015) “Eros e contraeducação: figuras do (im)possível”. Trad. Laisa Guarienti e Renata Lanza. In: Fermentario. Revista electrónica. Número 9 (2015). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de

la República. Montevideo. Disponível em:
<http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/224/280> (Acesso:
16 de julho, 2016)

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, E. (org). (2009) Pistas do método da cartografia: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade. Sulina. Porto Alegre.